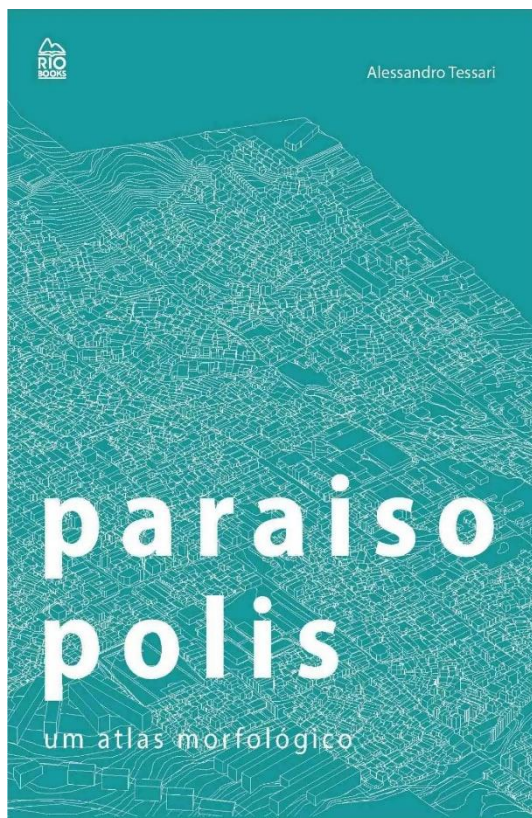


RESENHAS



Paraisópolis: um atlas morfológico, de Alessandro Tessari, Rio Books, Rio de Janeiro, 2024, 310pp. ISBN 978-85-9497-086-2.

Sebastião Salgado iniciou sua trajetória na fotografia em cores. No entanto, foi o preto e branco que consagrou seu nome no cenário internacional. Em entrevistas ao longo das últimas décadas, o fotógrafo brasileiro – falecido em maio de 2025 – explicou sua decisão por abandonar a cor: embora fatores técnicos como menor custo, maior controle e melhor adaptação à luz adversa pesassem na

escolha, o argumento mais contundente era conceitual: a cor desviava o olhar do essencial.

De maneira análoga, Alessandro Tessari – arquiteto e urbanista, italiano de origem e brasileiro por adoção – opta deliberadamente pelo preto e branco em *Paraisópolis*: um atlas morfológico, lançado em 2024 durante o XXXI Conferência do International Seminar on Urban (ISUF), na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie (FAU-Mack). Sua intenção, no entanto, não é puramente estética: o uso do monocromático visa revelar, com precisão analítica, a densidade visual e formal de Paraisópolis, uma das maiores favelas da América Latina. O recurso imagético, embora potente, é apenas uma das várias contribuições inovadoras que a obra apresenta.

O primeiro diferencial do livro é seu posicionamento metodológico claro e explícito, já antecipado no subtítulo. Tessari estabelece, desde o início, os contornos do objeto, os marcos conceituais e os limites da investigação. Trata-se de uma leitura da favela a partir da Morfologia Urbana, com base na abordagem tipológico-projetual de Saverio Muratori, referência italiana dos anos 1950. Com isso, o autor se afasta – sem negar o valor complementar – das análises mais comuns no Brasil, ancoradas em perspectivas da Sociologia, Antropologia ou Estudos Culturais. Seu compromisso é com a forma.

Em segundo lugar, o autor introduz um conceito próprio: o “enraizamento informal”. Desenvolvido originalmente em sua tese de doutorado (“Informal rooting: informal permanences in the contemporary city”), defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2016, sob orientação de Cristóvão Fernandes Duarte, o termo descreve

os processos pelos quais os assentamentos informais se estabilizam, se reproduzem e ganham legitimidade simbólica e morfológica no tecido urbano contemporâneo. Essa ideia desloca o olhar tradicional, que via a favela como exceção, para uma abordagem que reconhece sua integração progressiva – ainda que conflitiva – às dinâmicas metropolitanas.

Um terceiro eixo de inovação está na qualidade gráfica das representações contidas na obra. Os mapas, cortes, plantas e isométricas – desenhados com ferramentas digitais, mas claramente inspirados na tradição italiana do desenho arquitetônico – não ilustram: analisam, descrevem, comunicam e propõem. A filiação ao rigor projetual europeu é nítida, mas adaptada a uma nova realidade, onde as formas se organizam fora dos padrões normativos e escapam aos instrumentos convencionais da cartografia oficial.

O quarto elemento de destaque é a abordagem desprovida de idealizações com que Tessari trata as favelas. Ele não propõe cenários utópicos nem soluções mirabolantes. Em vez disso, observa o que existe, como existe. Sua postura evita julgamentos morais e estéticos, recusando, sobretudo, os resquícios de modernismo ainda presentes em parte da formação profissional no Brasil, que insiste em enxergar esses territórios como resíduos a serem erradicados, e não como formas de cidade a serem compreendidas e transformadas com base em suas lógicas internas.

A leitura que Tessari propõe e ressoa com minha própria concepção da cidade como um sistema complexo e adaptativo (*complex adaptive system*). Ao contrário das visões tecnocráticas dos anos 1970 – que suprimiam as favelas dos mapas ou propunham sua substituição por conjuntos habitacionais monofuncionais –, a obra se propõe a entender a lógica própria dessas urbanizações, suas

gramáticas espaciais, seus padrões evolutivos e suas mutações cotidianas.

Paraisópolis, nesse sentido, é analisada em duas escalas complementares. A territorial, que permite visualizar como o “enraizamento informal” impacta o tecido urbano mais amplo. E, a espacial, que revela os mecanismos internos de produção, transformação e apropriação do espaço no nível da malha fina. O objetivo não é estetizar a favela nem negar sua precariedade, mas compreendê-la como forma urbana legítima, inserida em um contexto histórico, social e econômico específico.

Ao final da leitura, uma inquietação permanece: como traduzir essa inteligência informal incremental, gradual, não linear – para o campo da produção urbana formal? Como pensar incorporadoras, políticas públicas e financiamentos que absorvam os princípios de auto-organização e desenvolvimento incremental? O livro não oferece respostas fechadas, mas insinua um caminho: observar mais de perto, estar presente, reconhecer a potência dos cotidianos. Como dizia o jogador de beisebol americano Lawrence Peter “Yogi” Berra: “você pode observar muita coisa apenas olhando”!

Paraisópolis: um atlas morfológico é, assim, uma obra provocadora e necessária. Oferece um olhar disciplinado, mas generoso sobre aquilo que a cidade e os cidadãos produzem à revelia dos planos, das normas e dos decretos. Um convite aos, infelizmente ainda muitos arquitetos e urbanistas, que ainda relutam a aceitar que a cidade real não apenas existe, como também veio para ficar.

Heraldo Ferreira Borges, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rua da Consolação 930, São Paulo, Brasil, E-mail: heraldoferborges@gmail.com

Editoras responsáveis pela submissão: Eneida Maria Souza Mendonça, Michela Sagrillo Pegoretti.

Editor assistente: Vitor de Toledo Nascimento. Editora de texto: Linda Emiko Kogure

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

